

A VIOLÊNCIA COTIDIANA EM OS PASSOS EM VOLTA E BOM DIA CAMARADAS

Flávia Arruda Rodrigues é jornalista, mestranda em Estudos de Literatura Portuguesa da PUC-Rio e bolsista do CNPq. **E-mail:** flaviaarodrigues@yahoo.com.br.

Resumo

A partir dos conceitos de isolamento e solidão definidos pela filósofa Hannah Arendt em *Origens do totalitarismo*, este trabalho estabelece pontos de contato com as obras *Os passos em volta*, do escritor português Herberto Helder, e *Bom dia camaradas*, do angolano Ondjaki. Discute questões como alteridade e (auto)exílio ao examinar a violência que, implícita ou explicitamente, domina a rotina dos personagens.

Abstract

Using the concepts of isolation and solitude defined by philosopher Hannah Arendt in *The origins of totalitarianism*, this work addresses the books *The steps around*, from portuguese writer Herberto Helder, and *Good morning comrades*, written by angolano Ondjaki. It discusses issues such as alterity and (self-)exile to examine the violence that implicitly or explicitly, affects the routines lived by the characters.

Respectivamente à esquerda e à direita do espectro político mundial, comunismo e fascismo tiveram ápices e derrocadas em apenas um século, o XX. Dividido entre essas duas linhas de pensamento, que privilegiavam a formação de sociedades proletárias ou baseadas no lucro, o mundo presenciou, nesses 100 anos, a ascensão de uma variedade de governos de inspiração totalitária, patrocinados por Estados Unidos ou União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Portugal e Angola, países que iniciaram o referido século mediados pela relação metrópole-colônia, chegaram ao fim dele em posições opostas. Enquanto Portugal foi um histórico aliado do capitalismo americano, tanto mais fortemente entre 1927 e 1974, na vigência de sua versão de um Estado Novo, os angolanos iniciaram a construção de um país em bases socialistas a partir de 1975, ano em que foi conquistada a independência política. Nos dois casos, houve autoritarismo e supressão de liberdades individuais. Em outras palavras, suspensão da democracia. Violência.

Inseridos diretamente ou não nesses contextos, alguns escritores encontraram na literatura uma forma de oferecer respostas a esses cotidianos repressivos. Dois exemplos são o do poeta português Herberto Helder, que reuniu contos em prosa na coletânea *Os passos em volta*, de 1963, e o escritor angolano Ondjaki, que, nascido em 1977, publica *Bom dia camaradas* em 2003, exatos 40 anos depois do primeiro. Nesse livro de Helder, colam-se, em seqüência, breves narrativas em que os protagonistas, se não estão vivendo as agruras de um exílio geográfico, muitas vezes clandestino, encontram-se exilados de si mesmos, incapazes de construir relacionamentos, pontes que os liguem à convivência com outros seres humanos. Por sua vez, no livro de Onjaki, a violência aparece nas memórias do narrador, que lembra a vida à volta dos dez anos, justamente no período da guerra entre a União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita) e o governo monopartidário do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que, aliás, se mantém até hoje no poder.

É importante ressaltar que o autor angolano não só nasceu dois anos após a

independência política do país, como publicou *Bom dia camaradas* no ano seguinte ao acordo de cessar-fogo entre as forças locais. Ondjaki escolhe um menino para protagonista de sua narrativa, que se passa em algum momento entre 1988, ano do primeiro acordo de cessar-fogo, e 1991, quando termina a presença cubana em Angola, num período da história do país em que se vislumbrava a realização de eleições. Esse olhar inocente, moralmente desarmado, que não tem arquivos prévios para analisar as sutilezas do momento histórico deixa evidentes ao leitor as contradições do cotidiano daquela época. Helder, ao contrário, nasceu em 1930 e viveu no regime de exceção até 1974, ano da Revolução dos Cravos e do início do processo de redemocratização de Portugal. Escreveu *Os passos em volta*, portanto, em convívio direto com a repressão do salazarismo, numa atmosfera semelhante à que vivem alguns de seus personagens – se é que não se pode dizer que é a mesma.

A partir do pensamento de Hannah Arendt, que escreve *Origens do totalitarismo* em 1949, quatro anos após a Segunda Guerra Mundial, refletindo sobre os governos totalitários de Alemanha e URSS, pode-se dizer que os protagonistas dos contos *Holanda*, *Os comboios que vão para Antuérpia*, *Descobrimto* e *Escadas e metafísica*, de Helder, estão tanto isolados quanto solitários. A julgar pelos efeitos que o cerceamento de direitos produziu nos personagens de Helder, exilados ou recém-regressados desse exílio, é possível aproximar a visão do fascismo e do comunismo de Arendt com o cotidiano em ditaduras de outros países, como Portugal. Em Helder, encontramos personagens que, no dizer da filósofa, vivem

o impasse no qual os homens se vêem quando a esfera política de suas vidas, onde agem em conjunto na realização de um interesse comum, é destruída. E, no entanto, o isolamento, embora destrua o poder e a capacidade de agir, não apenas deixa intactas todas as chamadas atividades produtivas do homem, mas o que lhes é necessário. O homem, como *homo faber*, tende a isolar-se com o seu trabalho, isto é, a deixar temporariamente o terreno da política. (...) Enquanto o isolamento se refere apenas ao terreno político da vida, a solidão se refere à vida humana como um todo. O governo totalitário, como todas as tiranias, certamente não poderia existir sem destruir a esfera da vida pública, isto é, sem destruir, através do isolamento dos homens, as suas capacidades políticas. (...) Baseia-se na solidão, na experiência de não se pertencer ao mundo, que é uma das mais radicais e desesperadas experiências que o homem pode ter. (ARENDR, 1989, p. 527)

Experiência desesperada é uma expressão que serve para denominar o estado de espírito do narrador de Helder, um poeta que, sentado à beira de um lago, na Holanda, medita sobre o bucolismo de vacas pastando. Dentro dele, o vazio. O personagem sofre um desespero calado, uma vez que, longe de sua pátria, tanto solitário quanto isolado, forçadamente alheio às grandes questões nacionais pelas contingências políticas de uma ditadura, não tem com quem compartilhar o esvaziamento de si mesmo. Afastado de qualquer contato humano possível, o narrador pensa: “eu sou alimentado pelos séculos, vivo afogado na história de outros homens”

(HELDER, 2005, p.15). Trata-se de um português imbuído de 800 anos de uma tradição que vinha da expulsão dos mouros à formação da República, e havia já alguns anos fora interrompida por um governo autoritário. Esse homem agora vive um cotidiano holandês que não pode ser seu. Por outro lado, também não é de interesse dele que seja. Mais que isso, além de deslocado nessa nova realidade, o narrador vive o medo da perseguição. Mesmo no exterior, sua existência é uma ameaça ao *status quo* e ele não tem garantias de que esteja em segurança. É uma condição de terror total, que, segundo o conceito de Arendt, surge quando o Estado se presta a promover execuções para acelerar o ritmo da expansão dos domínios de sua arbitrariedade. Quando, longe de ser ilegal, o governo “recorre à fonte da autoridade da qual as leis positivas recebem a sua legitimidade final” (ARENDR, 1989, p.513). No caso de Portugal, elas estavam reunidas na Constituição de 1933, que “continuava a consignar toda a sorte de liberdades e direitos individuais para o cidadão (incluindo liberdade de palavra e de associação, o direito ao *habeas corpus*, etc.) mas fazia-os dependentes de *leis especiais* que os regulariam” (MARQUES, 1995, p.654).

Nessa situação, nem mesmo o medo pode aconselhar a conduta do cidadão. Ao governo totalitário, por sua vez, importa eliminar radicalmente a existência de convicções, como as do personagem de *Holanda*:

À noite falava baixo, conhecendo que não possuía a proteção das coisas e a sua vida estava a ser corroída por uma vocação menos que humilde: degradante. Não servia para nada, essa era a sua mais implacável vocação. Ficava sentado a ver os homens holandeses cuidarem dos animais e da terra e a vigiarem o céu. (HELDER, 2005, p.16)

Esse isolamento e essa sensação de impotência, diz Arendt, sempre foram típicas das tiranias, uma vez que, nelas, os contatos políticos entre os homens são cortados. Num primeiro momento, a esfera privada sobrevive, e os pensamentos são retrabalhados, ainda que num ambiente de privação. No entanto, o cinturão de ferro do terror dá fim, até, a esse último espaço de reflexão que resta no ser humano, levando-o à loucura de que Helder se aproxima em seu texto sobre o personagem que, como diz, “vai perdendo o nome pelo país adiante” (HELDER, 2005, p.16). É uma alusão às perseguições políticas promovidas, à época, pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (P.I.D.E.), que, para citar um exemplo, foi responsabilizada pelo assassinato do general Humberto Delgado, na Espanha, com ajuda da polícia espanhola (MARQUES, 1995, p.639).

Essa sensação de insegurança também está em *Os comboios que vão para Antuérpia*: só que, desta vez, o narrador de Helder é um homem escondido num quarto em Bruxelas, na Bélgica, imaginando uma rota de fuga pelos trens que, imaginariamente, seguem para Antuérpia, no Norte do país. De lá, sonha ele, poderá seguir viagem e alcançar a liberdade. Iguamente solitário e isolado, o personagem se diz “possuído pelos dons infernais com que se cria um estilo sem tempo, nem lugar, a fraternidade solitária, o amor sempre em viagem” (HELDER, 2005, p.42). Vive uma angústia tão grande que só imagina voltar à vida ao suspeitar de que há passos no corredor, do lado de fora. Para depois dar-se conta de que o ruído fora mais uma de suas ilusões, o princípio da loucura. Se uma relação entre este conto e *Descobrimento* é possível, pode-se sugerir que a fuga,

para aquele ou, provavelmente, para qualquer outro lugar, não seria solução para o desconforto. Não há mais paz possível para os personagens. No outro conto, Helder descreve a cidade dos sonhos do personagem anterior com a seguinte frase: “Antuérpia é uma cidade difícil” (HELDER, 2005, p.67). Em última instância, o alívio não estará em Antuérpia nem em qualquer outro lugar.

Essa violência subliminar, silenciosa, persegue os personagens mesmo quando voltam a Lisboa. Em *Escadas e metafísica*, o narrador retorna à cidade, mas já não tem vontade de estabelecer contato humano. Depois do desespero, apetece-lhe ficar só, fumando cigarros num quarto alugado, perto da Sé, de frente para o Rio Tejo. “Não sentir ninguém nem falar nem me ver obrigado à condescendência ou à fraternidade” (HELDER, 2005, p.55), diz o protagonista. Ainda que a vida siga seu fluxo nos arredores, chegando-lhe como um convite feito pela intensa luz do verão, pelo som de pratos tilintando e pela movimentação de pessoas nos quintais, o narrador, com a alma estéril à custa do que viveu, não vê interesse na partilha desse cotidiano. Ao contrário, em meio à beleza da paisagem, sente-se novamente atormentado ao perceber que as escadas de um bloco de casas próximas estão deslocadas das paredes, levando a lugar nenhum. Como ele, essas escadas também estão soltas no espaço, não têm e não permitem ligações, vínculos. Não é uma surpresa que o narrador, então, se sinta oprimido, talvez como nunca tenha conseguido deixar de ser. Surge-lhe a lembrança de um sonho angustiante dos tempos de adolescência, no qual caminha com as mãos ensangüentadas por uma aldeia de casas sem portas nem janelas. “Os arbustos que parecem sofrer como um pensamento, sob a luz feroz, entre as cruéis linhas de pedra. Não sei nada. Atrevo-me a acender um novo cigarro. E o terror entra silenciosamente na minha vida”. (HELDER, 2005, p.59)

Apesar de posta em prática com ferocidade historicamente conhecida, a ditadura portuguesa, parafraseando Oscar Wilde, em muitos momentos não ousou dizer seu nome. Segundo António Costa Pinto, coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, “não é por isso de estranhar que o exemplo do salazarismo fosse um *passepourtout* das afinidades quer de ditadores, quer de movimentos de direita radicais do período, muitas vezes sinceramente, outras vezes desejosos de evitar a identificação com o fascismo” (PINTO, 2007, p.41). O caso de Angola é o oposto, nunca houve um desejo, por parte do governo ou dos grupos paramilitares de dissimular a violência. A repressão sempre esteve à vista de todos, flagrante não só nas lutas fratricidas, como na corrupção do governo e no cotidiano de seus habitantes, tanto no período colonial como no de pós-independência. É desse ambiente que emerge a narrativa de Ondjaki em *Bom dia camaradas*.

O levantamento de George Wright dá uma idéia da violência presenciada dia-a-dia pelos angolanos: segundo ele, no total, mais de um milhão de pessoas foram mortas em confrontos em Angola, na sua maioria civis e, sobretudo, crianças, em conseqüência direta das guerras ou com ela relacionadas, representando 10% da população. Além destas, 100 mil foram mutiladas por minas terrestres. Se, a partir da década de 50, em Portugal, António Salazar assume uma postura discreta no que se refere às perseguições políticas, até para não melindrar a opinião pública

internacional com a qual se articulava, não tinha essa preocupação em Angola. Se, por um lado, o Estado Novo português, dissimuladamente, perseguia e controlava com mão-de-ferro cidadãos vistos como subversivos, era de uma violência frontal com outros, principalmente negros e mestiços, que se encontravam em territórios que, a partir de 1951, vieram a ser chamados de províncias ultramarinas. Como explica Wright a respeito de Salazar, “em lugar de encetar um diálogo com os nacionalistas para encontrar uma solução de tipo neocolonial, responde ao activismo angolano despachando para o território vários milhares de soldados portugueses, bem como efectivos da força aérea e aumentando a presença da P.I.D.E.” (WRIGHT, 2001, p.27).

Essa foi, durante muitos anos, a Angola de um dos personagens do livro de Ondjaki, o camarada António. Com sua submissão, subserviência e resignação, António é a imagem do resultado nefasto que a dominação portuguesa produziu em parte da população negra do país – a que não se engajou na luta armada e fugiu para Luanda, onde encontrou refúgio. Uma população, como conta o narrador-menino do romance, que sofreu incríveis maus-tratos, recebendo pagamentos injustos e vivendo em condições que estavam longe de serem chamadas de dignas. António é uma dessas pessoas. Ainda que seja morador de Musseque (bairro da periferia de Luanda) e tenha que percorrer quilômetros a pé para chegar ao trabalho, ele, que desempenha a função de empregado doméstico de um funcionário do governo, esquiva-se de perguntas sobre a antiga administração portuguesa feitas pelo narrador-menino. Inconscientemente, para ele, essa é a alternativa à morte. É compreensível que o personagem tenha receio de expressar sua opinião: ele é natural da província do Bié, o território mais central do país, historicamente um dos mais afetados pelos conflitos armados nos estertores da administração portuguesa, e depois dela. Negro e pobre, António, ciente do que significa sofrer preconceito racial em Angola, limita-se a responder à impertinência do menino dizendo que “no tempo do branco as coisas não eram assim” (ONDJAKI, 2006, p.17), ou que trabalhava, antes, para um português que era bom chefe, e, verdadeiramente, nas suas palavras, “o tratava bem”. António pode ser visto como uma versão oitentista dos cipaios negros que fizeram o trabalho de polícia durante o período da ocupação colonial: assimilados, não eram mais integrantes dos povos nativos, por terem se submetido às leis e à lógica da metrópole, nem jamais pertenceriam ao universo dos brancos.

-- Mas ninguém era livre, António... não vês isso?

-- Ninguém era livre como assim? Era livre sim, podia andar na rua e tudo...

(ONDJAKI, 2006, p.18)

Em pequenos gestos, António revela sua condição, aparentemente imutável para um homem negro de sua geração. Alguém que não tem muita certeza se a paz, enfim, será possível ou se as coisas vão realmente mudar. Ao entregar um copo de água ao garoto, ele inadvertidamente suja o vidro com a gordura que permanece em seus dedos. São mãos sujas, como também eram empoeirados os sapatos de quem vinha das áreas miseráveis de Luanda. António também se recusa a entrar na casa dos patrões antes do horário combinado para o expediente – ainda que tenha as

chaves – e apressa-se para atender ao telefone ou abrir a porta da casa mais rápido do que qualquer morador, na esperança de que seus afazeres sejam vistos como bem cumpridos. Trabalha na “sua” cozinha. Isto, sim, é de suma importância para o empregado. A subserviência de António vem apenas do nascimento, mas foi aprendida e transmitida empiricamente, de pais para filhos, em séculos de dominação portuguesa.

Ele, entretanto, tem seu contraponto. É João, o motorista do ministério que presta serviço à família e está, quase sempre, bêbado. Inclusive, quando dirige. No momento em que o menino lhe pergunta, provocativamente, porque António falava tão bem dos portugueses, João responde, deixando o garoto (pego por sua inocência) confuso: “Camarada António é mais velho” (ONDJAKI, 2006, p.20). Pela resposta, e pela afirmação de que esteve no *maquí* (guerrilha) entende-se que João é um representante da geração que combateu a metrópole a partir de 1961 e, que depois, se envolveu na disputa política pelo poder, esta em vias de terminar à época em que a narrativa se passa. João pode ser visto como integrante de uma geração intermediária entre a de António e a do menino-narrador, que não é menos influenciado por um cotidiano de violência, mas que traz, na sua visão infantil e desarmada, uma perspectiva de futuro que pode vir a se concretizar de maneira diferente na idade adulta. Não sem, antes, reler o passado.

Até que esse dia chegue, o combate permanece como temática constante entre os personagens mirins do romance, em suas atitudes e diálogos mais prosaicos. As conversas e as redações de escola giram em torno de temas como o porte dos *akás* – como são conhecidos os fuzis AK-47 – e armas de menor calibre. Ou, então, sobre a coragem dos professores cubanos, que arriscam a vida por um ideal socialista revolucionário, em Angola, naquele período entre décadas (o narrador chega a se perguntar se algum angolano, ao contrário, haveria de morrer por um cubano). As saudações a esses docentes, em sala de aula, são militarizadas e formais, bem como é retratada a gestão do (até hoje) presidente José Eduardo dos Santos. A violenta segregação dos negros na capitalista África do Sul, estrategicamente aliada aos Estados Unidos, também aparece, num comentário do narrador, em confronto com o socialismo de inspiração soviética de Angola. “Uma coisa é o governo, outra coisa é o povo” (ONDJAKI, 2006, p.28), diz, ao mesmo tempo ingênua e sabiamente, o menino.

Porém, acima de tudo, a violência se manifesta na preocupação dos garotos com um possível ataque da gangue do Caixão Vazio, grupo que, acreditava-se, promovia mutilações e seqüestros. Não fica claro, mas é bem possível que, no lugar de uma lenda urbana, o autor mencionasse uma rusga, conhecida ameaça formada por grupos que seqüestravam crianças para lutarem na guerra pós-colonial, desfazendo, por tabela, milhares de famílias. Uma prática, aliás, que perdura até hoje, só que destinada à atuação no tráfico de drogas. Crianças e mesmo jovens, sabe-se, não têm noção do perigo quando estão diante dele, o que torna mais audaciosa a ação das milícias.

Por vias diferentes, pode-se dizer que as duas obras, embora distanciando-se política e geograficamente, confluem para o mesmo

impasse: são marcadas não só pela presença da violência, como também da morte. Se tanto o camarada Antônio quanto os personagens de Helder falarem, serão agredidos a ponto de morrerem fisicamente. Caso permaneçam calados, por instinto de sobrevivência, morrerão da mesma forma, só que moralmente. Um silêncio outrora forçado, de tal maneira absorvido e interiorizado pelos personagens, que faz valer sua força mesmo em tempos democráticos. Uma força que corrói a dignidade do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 512-530.
- HELDER, Herberto. *Os passos em volta*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005. MARQUES, António H. de O.. *Breve história de Portugal*. Barcarena: Editorial Presença, 1995.
- ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- PINTO, António C.. "O Estado Novo português e a vaga autoritária dos anos 1930". In: _____; MARTINHO, Francisco C.P. (orgs). *O corporativismo em português – Estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- WRIGHT, George. *A destruição de um país: A política dos Estados Unidos para Angola desde 1945*. Luanda: Editorial Nzila, 2001. p. 11-48.

